

A história de uma conversa

A Cristina tem 16 anos, nasceu em Lisboa e é aí que ainda mora.

Gosta muito de ir à Escola; como ela diz «nas férias grandes até sinto uma saudade». No que diz respeito à Matemática, a Cristina tem reprovado muitas vezes — «passei sempre com uma nega a Matemática» — primeiro no ensino preparatório, no 1.º e no 2.º anos, e depois, no 7.º ano do ensino secundário. Agora, no 8.º ano, «estou a achar interessante», disse-me algures na nossa conversa.

Aparentemente, a Cristina não vê com muito bons olhos uma situação imaginária em que deixasse de ter Matemática.

Pelo menos, quando lhe perguntei como reagiria se no ano seguinte a Matemática ‘acabasse’ disse-me coisas como: «A Matemática é uma disciplina fundamental para a sociedade... todos os dias temos que fazer contas, todos os dias pensamos em números quando queremos comprar qualquer coisa. Eu acho que ela é fundamental». Essa era a razão, explicava ela, porque, se a Matemática acabasse nesse ano «por um lado gostava, era menos uma disciplina, por outro não gostava porque não a podia estudar». Mesmo assim, numa outra fase da nossa conversa tentou-se a não a escolher e a deixá-la de fora com a Física, a não ser «que as aulas fossem como as deste ano...» acrescentou no entanto.

Nas aulas, a Cristina costuma levantar o braço ou perguntar à professora «aquilo que não percebe». Quando vai ao quadro fica um pouco nervosa e preocupada porque «tenta sempre fazer o melhor» e, como ela também disse, «porque os professores tentam baralhar os alunos». Faz sempre os trabalhos para casa «a não ser que não saiba ou não compreenda». Se, no entanto, se esquece de fazer os trabalhos ou deixa em casa material que é preciso para as aulas, fica apreensiva porque «às vezes os professores marcam falta de material». Não acha que estudar seja uma «chaticice» e não tomaria comprimidos para ter vontade de estudar. A vontade de estudar é, segundo as suas próprias palavras, «uma coisa espontânea, nossa. Ou a gente tem ou não tem».

Na opinião da Cristina, se um aluno tem «as coisas mal, merece mau» e isto acontece por «ele não estudar», por «falta de atenção na aulas». Quando lhe perguntei logo a seguir a isto, que ela acabava de dizer, por que razão costumava ter negativas a Matemática, a sua resposta foi pronta: «Primeiro porque não gostava. Quer dizer, não me interessava. Depois, estava sem atenção...». Ela mesma disse rindo, noutra momento, que «está farta de dizer lá em casa» que não gosta de Matemática. Pouco

depois, mesmo no fim da nossa conversa e ainda a propósito das negativas, disse-me sobre as razões de não ligar à Matemática: «Stôr, eu acho que é por não gostar mesmo de Matemática».

A Matemática, para a Cristina, é logo posta de lado, considerada de fora (de alcance?): «A Matemática para mim não interessava... no princípio do ano punha-a sempre de fora... esta disciplina para mim já está riscada!», explicava a Cristina ainda a propósito das negativas, «por isso nunca me esforcei muito a Matemática». Perguntei-lhe, então, quando a ouvi falar assim:

— «Olha lá, e o que é que te levava a fazer isso?»

— «Eu acho a Matemática um bocado complicada», respondeu, «que tem coisas complicadas».

— «Achas que a Matemática é difícil?», tornava eu.

— «Acho que é um bocado difícil», disse-me ela.

— «Mas há outras coisas difíceis?» insisti.

— «Sim...» disse apenas a Cristina.

— «Punhas então a Matemática de lado por causa de ela ser difícil ou há também outras razões?» perguntei ainda.

— «Eu acho que era só por ser assim um bocado difícil».

— «O que a professora de Matemática explica nas aulas é aborrecido?»

— «Há dias em que acho aborrecido outros em que não». Quando lhe perguntei porquê, depois de alguma demora, respondeu:

— «Sei lá, se calhar por ser assim muito complicado».

Foi assim a conversa com a Cristina que me falou primeiro um pouco timidamente, contraída, sempre com voz mais ou menos baixa. Depois, pouco a pouco, foi-se descontraindo, mostrando-se bem disposta, rindo mesmo com o que dizia, com a nossa conversa, respondendo sem relutância às perguntas que lhe ia fazendo.

Esta «história» segue de perto uma das entrevistas que efectuei a alunos do 8.º ano de uma escola de Lisboa, e que eu sabia não serem bem sucedidos a Matemática. Ela não se pretende típica, nem sequer das outras entrevistas; é um caso, decerto com algum significado. À sua ilustração se resumem as intenções com que o apresento. É também para pensar, claro.

Henrique M. Guimarães